



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E
DIVERSIDADE
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM
ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO
CAMPUS CUITÉ - PB

POESIA E EDUCAÇÃO: COMBINAÇÃO PERFEITA NA BUSCA POR
AUTONOMIA

Maria Gorete de Macedo Lira

Cuité – PB

2013

MARIA GORETE DE MACEDO LIRA

**POESIA E EDUCAÇÃO: COMBINAÇÃO PERFEITA NA BUSCA POR
AUTONOMIA**

UFCG/BIBLIOTECA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dsc. Marta Maria da Conceição

Cuité – PB

2013



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

L768p

Lira, Maria Gorete de Macedo.

Poesia e educação: combinação perfeita na busca por autonomia. / Maria Gorete de Macedo – Cuité: CES, 2013.

33 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2013.

Orientadora: Dra. Marta Maria da Conceição.

1. Educação. 2. Economia solidária. 3. Poesia. I. Título.

CDU 37:82-1

MARIA GORETE DE MACEDO LIRA

**POESIA E EDUCAÇÃO: COMBINAÇÃO PERFEITA NA BUSCA POR
AUTONOMIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 26 de setembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª DSc. Marta Maria da Conceição
Orientadora UFCG/CES/UAE



Prof.ª DSc. Denise Domingos da Silva
Examinadora UFCG/CES/UAE



Prof. DSc. José Carlos Oliveira Santos
Examinador UFCG/CES/UAE

UFCG/BIBLIOTECA

UFCCG/BIBLIOTECA

A todos os que insistem em manter acesa a chama da poesia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de sabedoria, discernimento, força e coragem, sem o qual nada eu seria. A minha mãe por seu silêncio e resignação nos momentos de ausência. A Nilson Lira, companheiro de longas datas que, a seu modo, vem sendo o maior incentivador de todas minhas conquistas. Ao meu filho Elvis Caio, cuja existência me impulsiona à busca pelo sentido da vida. As minhas irmãs Maria da Guia e Maria de Fátima, pela preocupação e cuidado que a mim dedicam. Sem esquecer, os professores da UFCG pelo muito que contribuíram com minha formação, em especial a orientadora de estudos, Doutora Marta Maria da Conceição. Por fim, meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização desse trabalho.

“O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.”

Fernando Pessoa

RESUMO

Sobre a educação, o presente trabalho principia lançando discussão acerca dos direitos assegurados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação em contraponto aos entraves que geram a negação desses direitos. Em relação à economia solidária, oportuniza reflexão em torno da lógica do sistema capitalista, no intuito de promover o entendimento de um novo modo de produção, cujas relações sociais e produtivas geram perspectivas tais como autonomia, autogestão e associativismo. Discute-se o termo poesia em seu sentido mais amplo, com destaque para o cordel e o poema matuto, ressaltando a falta de conhecimento aprofundado sobre o gênero, por parte das instituições de ensino que, nos últimos tempos, resolveram abordá-lo em sala de aula. Diante do exposto, verificou-se a necessidade de promover uma investigação que abranja aspectos acadêmicos, sociais e políticos no sentido de entender o contexto onde se insere a poesia popular nos dias atuais. Foram entrevistadas nove pessoas, sendo sete do sexo masculino e duas do sexo feminino, com idade que varia entre vinte e um e oitenta e oito anos. Dessas pessoas, apenas duas tiveram acesso ao ensino superior, outras duas frequentaram salas da Educação de Jovens e Adultos e os demais sequer chegaram a concluir o ensino fundamental. Comprovou-se que, em meio a um cenário de desvalorização, preconceito, descaso e falta de incentivo, alguns poetas sobrevivem. Tomando-se por base a idade da maior parte deles, poder-se-ia alimentar a crença de que a poesia popular, em breve silenciará em Picuí-PB. Contudo, apesar da aparente aridez do terreno, eis que surgem novos rebentos: dois jovens letrados, conscientes de seu papel na sociedade, que não se envergonham de manter viva a poesia popular, reconhecidamente necessária ao desenvolvimento intelectual e humano de uma sociedade que definha pela desvalorização de seus bens culturais. Assim muito ainda precisa ser feito no sentido de promover uma educação que se constitua como direito de todos: uma educação que seja capaz de levar o aluno a reconhecer-se como protagonista de sua própria história e a enxergar os bens culturais dos quais ele próprio é detentor. Somente assim, poder-se-á ensaiar os primeiros passos rumo a tão sonhada autonomia.

Palavras-chave: Educação; Economia Solidária; Poesia

ABSTRACT

On education, this work begins by launching a discussion about rights guaranteed by the Law of Guidelines and Bases of Education as a counterpoint to the barriers that generate the denial of these rights. In relation to the solidarity economy, it provides opportunities for reflection on around the logic of the capitalist system, in order to promote the understanding of a new mode of production, whose social and productive relations generate perspectives such as autonomy, self-management and associations. The term poetry is discussed in its most broad, with emphasis on the string and the Matuto poem, highlighting the lack of knowledge an in-depth study of gender by educational institutions that, in recent times, they decided to approach him in the classroom. Given the above, there was a need for promote an investigation that encompasses academic, social and political aspects in the sense of understand the context in which popular poetry is inserted nowadays. Nine were interviewed people, seven male and two female, aged between twenty-one and eighty-eight years. Of these people, only two had access to education superior, two others attended the Youth and Adult Education classrooms and the others did not even they even finished elementary school. It was proven that, in the midst of a scenario of devaluation, prejudice, neglect and lack of encouragement, some poets survive. Based on the age of most of them, it could be believed that popular poetry, will soon silence in Picui-PB. However, despite the apparent aridity of the On the ground, new shoots emerge: two literate young people, aware of their role in the society, who are not ashamed to keep popular poetry alive, admittedly necessary for the intellectual and human development of a society that is languishing by the devaluation of its cultural assets. So much still needs to be done towards promote an education that constitutes a right for all: an education that is capable to lead the student to recognize himself as the protagonist of his own story and to see the cultural goods of which he owns. Only then will it be possible to rehearse the first steps towards the long-awaited autonomy.

Keywords: Education; Solidarity economy; Poetry

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: De que forma a poesia entrou em sua vida?.....	14
Figura 2 - O que significa a poesia para o Senhor (a)?.....	15
Figura 3 - Quais os meios utilizados para divulgação do seu trabalho?.....	15
Figura 4 – Acredita que a poesia pode contribuir para a construção de uma sociedade melhor?.....	15
Figura 5 - Quais os saberes necessários ao poeta para que ele possa desenvolver bem o seu trabalho?.....	16
Figura 6 - Acredita que a formação escolar possa contribuir para o engrandecimento da cultura popular?.....	16
Figura 7 - De que forma a educação pode ser útil na vida do poeta popular?.....	16
Figura 8 - Faz parte de algum grupo, movimento ou associação de poetas? Qual?.....	17
Figura 9 - Em algum momento chegou a negociar sua arte? De que forma?.....	17
Figura 10 - Gostaria de ver o seu trabalho reconhecido pelo público?..	17
Figura 11 - Já ouviu falar em Economia Solidária?.....	18
Figura 12 - De que forma a Economia Solidária poderá colaborar com seu trabalho?.....	18

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 A Educação de Jovens e Adultos.....	11
2.2. Economia Solidária.....	15
2.3. Poesia Popular.....	18
3 METODOLOGIA.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
5 CONCLUSÕES.....	32
6 REFERÊNCIAS.....	33

UFCG/BIBLIOTECA

1 INTRODUÇÃO

Diante do contexto sócio-econômico vivido hoje no Brasil, fazem-se necessárias novas políticas administrativas e, sobretudo, novas políticas educacionais que agreguem o aluno e a realidade socioeconômica e política de seu país, transformando-o em um cidadão atuante no exercício pleno da democracia. Sabemos que a escola é essencial na formação de cidadãos críticos, conscientes de seus direitos e deveres e, através dos conhecimentos nela adquiridos, pessoas que se constituirão como agentes transformadores da sociedade e de si mesmos. Dessa forma, precisamos urgente de uma nova educação, que se oponha ao sistema de exploração fundado pelo capitalismo. No entanto isso só será possível se houver um processo revolucionário que priorize os valores que legitimam a superação de uma sociedade calcada na diferenciação social, marcada pela posse de bens materiais, por outra que valorize o trabalho coletivo e o bem-estar social. Neste sentido, eis que surge a Educação Popular, fundamentada no referencial teórico-metodológico de Paulo Freire, “ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (FREIRE 1996)

Nesta perspectiva, é necessário se libertar das amarras impostas pelo capitalismo, através do processo de democratização econômica, denominado Economia solidária, cuja forma de produção, consumo e distribuição de riqueza está centrada na valorização do ser humano e não do capital. Uma economia que tem como base o associativismo e o cooperativismo, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços de modo auto gestor, tem como finalidade a reprodução ampliada da vida envolvendo a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural.

Embora nas últimas décadas, muito se tenha falado sobre a importância da leitura como mecanismo para o desenvolvimento da cultura de um povo, sob a crença de que, através dela, se adquire conhecimento e se desenvolve o senso crítico, na prática, grande parte de nossa sociedade ainda enxerga o livro como um simples manual de instruções necessárias ao aprendizado exigido pela escola. O ato da leitura por puro prazer ainda se encontra em um plano utópico, subsistindo na imaginação de alguns amantes da poesia que lutam com as últimas forças que dispõem, para manter viva a chama do fazer poético tão desvalorizado nos dias atuais.

Neste contexto, objetiva-se promover a conciliação entre três eixos de sustentação de mecanismos que traduzem o desenvolvimento das pessoas: Educação, Poesia e Economia solidária, avaliando e difundindo os conhecimentos acerca das relações de leitura e poesia na Educação de Jovens e Adultos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Educação de Jovens e Adultos

"Se a educação sozinha não transforma o mundo, sem ela nenhuma transformação acontecerá". (PAULO FREIRE)

Estudos comprovam que as políticas educacionais têm-se modificado diversas vezes ao longo da história. Contudo, apesar de fazer parte de todas essas políticas, a Educação de Jovens e Adultos não se constituiu ainda, na prática, como "direito de todos", conforme estabelece o Art. 208 da Constituição Federal de 1988. Tal fato desperta a crença de que, infelizmente, o sistema de educação como um todo, não despertou ainda para a possibilidade de uma significativa transformação do ser humano através desta modalidade de ensino.

Verificando a Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Artigo 37, encontrar-se-á o seguinte decreto na Seção V que trata da Educação de Jovens e Adultos:

A educação de Jovens e Adultos destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos que não puderem efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º - O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (LDB,nº 9.394 /96)

Encontra-se ainda, no Artigo 38 da mesma Lei, a seguinte confirmação:

Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º - Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I – no nível de conclusão do ensino fundamental para os maiores de 15 anos;

II – no nível de conclusão do ensino médio para os maiores de 18 anos.

§ 2º - Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames. (LDB, nº 9.394 /96)

Segundo Soares (2002), ainda que a LDB 9.394/96 tenha sido uma colcha de retalhos ao tentar conciliar interesses governistas, privatista e publicistas, nos arts. 37 e 38, que dizem respeito diretamente à Educação de Jovens e Adultos, a lei incorporou a mudança conceitual de EJA que se dava desde o final dos anos de 1980. A mudança de “ensino supletivo” para “educação de jovens e adultos” não é uma mera atualização vocabular. Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo “ensino” se restringe à mera instrução, o termo “educação” é muito mais amplo, compreendendo os diversos processos de formação. Soares considera que há um avanço significativo quanto à LDB anterior ao superar a idéia de ensino supletivo para cursos, como também a fixação da idade de 14 anos para ingresso em cursos de EJA do ensino fundamental e de 17 anos para o ingresso em cursos de EJA do ensino médio. Ainda segundo Soares, cresce a cada dia o número de adolescentes que freqüentam os cursos de EJA, o que tem causado um dos grandes problemas vividos por esta área: a mudança do perfil das classes, o que tem contribuído para o afastamento de jovens e principalmente dos mais de adultos por incompatibilidade com os ritmos e os perfis dos adolescentes. Nesse sentido entende-se que, a partir do estabelecimento da nova LDB, muda-se o conceito de alfabetização para letramento, onde a EJA já não tem a função única de compensar a escolaridade perdida conforme mencionado na legislação anterior. Temos agora na EJA, três funções principais que são a função reparadora (restauração de um direito negado); a função equalizadora (mais igualdade e maiores oportunidades) e por excelência da EJA, a função qualificadora (necessidades de atualização e de aprendizagem contínuas). Necessário se faz saber, se seria esta a educação desejada pelo público alvo desta modalidade de ensino, tal como diz o poema “As Letras”:

Desejo de bem sentir-me, desejo de descobrir
O que me diz tantas letras que chegam a me confundir.
Se são letras, se são números, se são desenhos, não sei!
Só sei que por mais que eu chegue, mais longe delas estarei.

Em moço, não tive escola. Meu pai me deu uma enxada.
 - Homem que é homem trabalha. Escola não leva a nada!
 - Assim dizia meu pai e eu até acreditava.

Trabalhei duro, cresci, casei, meus filhos criei.
 Hoje, todos no caminho que à duras penas mostrei.
 Agora volta o desejo que junto a meu pai matei.

Quero uma escola bem boa com professora letrada
 Que há de ter paciência comigo que não sei nada.
 E eu vou mostrar para ela e pra toda minha gente
 Que vou trazer essas letras pra dentro de minha mente.

E depois que as letras eu pegar, nunca mais hei de soltar.
 Quero aprender muito mais pra quando um dia eu encontrar
 Alguém que delas não sabe. Sou eu que vou ensinar. (Gorete Lira)

Em artigo publicado na Revista Contrapontos, (MOURA 2007), busca identificar as contribuições de idéias do Educador Pernambucano Paulo Freire e do Psicólogo Russo Lev Vygotsky à Educação de jovens e adultos. A autora identifica pontos fundamentais entre as duas teorias, embora cada uma estivesse engajada com o seu mundo, o seu tempo e a sua realidade. Ambos preocupavam-se com os problemas que afetavam a população: a fome, a miséria, as injustiças, a opressão, e dentre todas estas formas de exclusão social, o analfabetismo.

Enquanto Freire considera o analfabetismo como uma forma de “castração” dos sujeitos, Vygotsky o interpreta como uma “interrupção no processo de desenvolvimento”. Em suma, um fenômeno constituído como resultado de uma sociedade desigual e injusta. Dois pensadores que buscam a gênese histórica do analfabetismo e as suas conseqüências na vida dos sujeitos, procurando de forma contundente analisar as causas político-pedagógicas para o fracasso escolar das crianças, traduzido na repetência, na exclusão, e na expulsão precoce, que resulta no analfabetismo adulto. Ambos acreditam que as causas do analfabetismo não se relacionam tão-somente a problemas de ordem política, econômica e social, mas também a fatores pedagógicos.

Nesse sentido, desnudam as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, criticando a forma como as escolas e os professores concebem a alfabetização: ato mecânico de aquisição de um código alfabético, a forma como concebem e ensinam a linguagem escrita e a forma como tratam os alunos, como planejam, desenvolvem e utilizam os métodos, técnicas e recursos didáticos e, principalmente, a sistemática de avaliação que utiliza, o tratamento que dão à questão dos erros e a excessiva preocupação que têm com as questões

relacionadas às “competências e desempenhos”, aos pré-requisitos e à “maturidade”, traduzidas como formas de “prontidão” para a aprendizagem. Para a autora, escolas assim prestam um desserviço às classes populares, possuindo uma grande responsabilidade pelos altos índices de evasão, expulsão e deserção das crianças, trazendo como consequência os elevados números de analfabetismo entre os jovens e adultos.

[...] Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. (RUBEM ALVES).

Partindo do princípio de que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhe um conteúdo pronto, dar-se-á a necessidade de repensar as estruturas para garantir uma educação de qualidade que atenda plenamente aos anseios do público ora estudado. Neste contexto, retoma-se a filosofia de Paulo Freire, segundo a qual: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A educação popular, fundamentada no referencial teórico-metodológico de Paulo Freire, concebe uma educação que se realiza por meio de processos contínuos e permanentes de formação, cuja intencionalidade é transformar a realidade a partir do protagonismo dos sujeitos, neste sentido “ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (FREIRE, 1996)

Segundo Moacir Gadott, diretor do Instituto Paulo Freire e Professor da Universidade de São Paulo, a educação popular como prática educacional e como teoria pedagógica, pode ser encontrada em todos os continentes, manifestada em concepções e práticas muito diferentes. Como concepção geral da educação, ela passou por diversos momentos epistemológico-educacionais e organizativos desde a busca da conscientização, nos anos 50 e 60, e a defesa de uma escola pública e comunitária, nos anos 70 e 80, até a escola cidadã, nos últimos anos, num mosaico de interpretações, convergências e divergências. Moacir afirma que a educação popular como uma concepção geral da educação, via de regra, se opôs à educação de adultos, impulsionada pela educação estatal, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério. Para este pedagogo, um dos princípios originários da educação popular tem sido criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática

cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário.

De acordo com Marcela Tchimino a educação popular emergiu em tempos difíceis de perseguição e atropelo aos direitos fundamentais. E é justamente nesse contexto que surgiu a necessidade de trabalhar pela liberdade, de gerar uma consciência coletiva da capacidade transformadora e libertadora que nos permite quebrar as cadeias da opressão. Para impulsionar o desenvolvimento educacional dos setores populares no contexto de uma política de inclusão e de rechaço a todas as formas de discriminação, é preciso fazer alianças estratégicas com os estados nacionais, a fim de facilitar a evolução de políticas públicas de governo a políticas públicas de Estado. Neste processo, a educação popular pode e deve desempenhar um papel de reflexão crítica, de animação, de mobilização e apoio metodológico, uma educação que [...] “Existe para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. (RUBEM ALVES).

2.2. Economia Solidária

Paul Singer (2005) define a Economia Solidária como um modo de produção ideado para superar o capitalismo. Sendo assim, para entender a lógica da primeira é preciso examinar a do último. A pedra de toque do capitalismo é a propriedade privada dos meios de produção, mas não de qualquer meio de produção. Trata-se especificamente dos meios "sociais" de produção, ou seja, dos que só podem ser operados coletivamente.

Para este socialista e professor, a propriedade privada de meios "individuais" de produção caracteriza a pequena produção de mercadorias, não o capitalismo. Agricultores familiares, garimpeiros, artesãos, catadores de lixo e tantos outros trabalhadores, que possuem seus próprios meios de produção, não se confundem com o capitalismo, antes, antepõem-se a ele e tendem a integrar a Economia Solidária. É o que acontece quando se associam, de forma igualitária, em geral para aproveitar as vantagens pecuniárias de compras e vendas em comum, sem renunciar à autonomia de produtores individuais ou familiares.

Um trabalho de pesquisa realizado pelo professor da Universidade Federal da Paraíba, José Francisco de Melo Neto (2006), vem comprovar quão notória é a situação em que vivem

trabalhadores e trabalhadoras em todo mundo, em decorrência da onda de desemprego e do avanço das tecnologias criadas e reorientadas para interesses, nada coletivos, sob o controle do atual modo de produção capitalista que se baseia na acumulação de capital, na propriedade privada e no endeusamento do mercado. Um modo de produção que impõe, a cada dia, mais exploração humana. Por sua vez, à classe trabalhadora resta organizar as relações sociais e produtivas com outras perspectivas entre os humanos e estes com a natureza, sendo que o movimento da economia solidária popular vem se apresentando como um caminho rico de possibilidades.

Senhores nos dêem licença
 Queremos sintetizar
 O que disse Melo Neto
 Num trabalho singular
 Mostrando uma economia
 Que é solidária e nos guia
 A Educação Popular

De início o autor convida
 A uma reflexão
 Acerca dos que trabalham
 E o modo de produção
 Capitalista, privado
 Que torna “deus”, o mercado
 E reduz o homem ao chão.

Resta a nós trabalhadores
 Enaltecer, com certeza
 As relações entre os homens
 E destes com a natureza.
 Mas pra isso acontecer
 Precisamos entender
 Do assunto com clareza

Buscamos vê os conceitos
 Em busca de entendimento:
 Economia Solidária
 Constitui-se um movimento
 Que enfatiza autogestão
 em meio a organização
 E o pequeno empreendimento.

Sobre o termo “incubação”
 São ações educativas
 De um grupo que trabalha
 De forma que torne viva
 Toda solidariedade,
 Ética, diálogo, verdade
 E autogestão produtiva.

Sobre o empreendimento
 Solidário popular

Descobrimos ser o ato
De pessoas se agrupar
E começar a produção
Buscando na incubação
A vida plena alcançar.

Pautada em cinco princípios
A popular economia:
Primeiro ela valoriza
A luta do dia a dia.
Depois vem satisfazer
Plenamente e faz crescer
Arte e tecnologia

Como terceiro princípio
Surge a solidariedade:
Homem e mulher são iguais
Esta é uma grande verdade
E o quarto princípio reza
Que quem a natureza preza
Enxerga com claridade.

O quinto e último princípio
Busca a valorização
Do ato de cooperar-se
Buscando realização
E da solidariedade
Que produz luz e verdade
Em busca da comunhão. (Gorete Lira)

Segundo Marcus Arruda (2006), para falar de estratégias de formação, temos, portanto, que ter claro que toda atividade formativa, na perspectiva emancipadora, deve focalizar o autodesenvolvimento integral e sempre mais pleno da pessoa da trabalhadora e do trabalhador, do seu coletivo familiar e de trabalho e, mais adiante, das coletividades humanas mais abrangentes, até a Nação e o planeta. O objetivo abrangente é, portanto, triplo:

a. A construção de empreendimentos formados por pessoas imbuídas do espírito cooperativo e solidário e das capacidades e conhecimentos para levar à prática uma economia da partilha, da justiça e da solidariedade.

b. O desenvolvimento de cadeias produtivas e redes de colaboração solidária, que sirvam de contexto relacional cada vez mais determinante das atividades dos empreendimentos.

c. A construção de um sistema orgânico de economia social que ganhe espaço na realidade e no imaginário da sociedade até tornar-se a forma mais desejável de relações sociais de consumo, de produção e de reprodução ampliada da vida.

2.3. Poesia popular

O termo poesia, apesar de ser complexo no seu contexto mais amplo, trata-se de um gênero que desperta gosto pela leitura e pela produção, enquanto causa encantamento e magia.

"Eu acredito que a poesia tenha sido uma vocação, embora não tenha sido uma vocação desenvolvida conscientemente ou intencionalmente. Minha motivação foi esta: tentar resolver, através de versos, problemas existenciais internos. São problemas de angústia, incompreensão e inadaptação ao mundo." (DRUMMOND)

Reconhecendo-se como bons nordestinos, impossibilita-se a idéia de esquecer a Literatura Popular, especificamente, do cordel. Se a poesia não encontra muito espaço nas nossas escolas, imagine a poesia popular... Apesar de o cordel já ter sido reconhecido como poesia e ter se tornado objeto de estudo em muitas universidades, ainda é marginalizado por ser vista como uma literatura de pobre e de analfabeto.

Ignez Ayala (2003, p. 98) critica a postura de muitas pessoas da universidade que acreditam que aquilo que iletrados e semiletrados fazem não é arte, não é cultura, nem literatura. Por isso, quando estudam a cultura popular, após encontrarem algum vínculo com o passado da cultura europeia, insistem em nivelá-la e compará-la pelas técnicas empregadas ou por seus elementos formais mais evidentes. Assim, alguns estudiosos descartam "os contextos sócio-culturais, o sentido que as atividades culturais, as práticas, os processos têm para as pessoas que as fazem, as escolhem, as elegem por gosto, por costume, por preceito ou por qualquer outro motivo" (AYALA, 2003, p. 98). Desse modo, percebemos que a autora toca numa questão fundamental na relação entre a cultura popular e a erudita, na qual a primeira, geralmente, descarta o contexto sócio-cultural do fazer do povo, como se fosse possível isolar um do outro, expondo as manifestações da cultura popular como peças de museu.

A partir de 1960, segundo Ignez Ayala (1988), os poemas narrativos populares mais curtos foram divididos em três grupos: poemas declamados, poemas cantados e canções. Eles são impressos em folhas avulsas e reunidos em publicações semelhantes aos folhetos de feiras, constando em livros e em discos de repentistas.

A distinção entre poemas declamados, cantados e canções é complicada e poucos impressos a fazem. Nesse contexto, o público costuma usar o termo POEMA para as composições declamadas, designando CANÇÃO a qualquer composição cantada. Assim, os poemas são compostos por estrofes que obedecem às características dos gêneros da cantoria (sextilhas, septilhas, décimas, etc.), cantados nas toadas próprias do gênero, cujos temas mais recorrentes são o amor e os problemas sociais. Estes diferem dos folhetos por serem composições curtas, equivalentes a duas ou até quatro páginas, tratando-se de um gênero que não é criado de improviso.

Um dos gêneros da poesia declamada é o POEMA MATUTO, cujo foco narrativo é o matuto, caracterizado por certas peculiaridades do falar sertanejo, enfatizadas pelo exagero e pela comicidade. Alguns estudiosos e muitos cantadores depreciam esse gênero pelo fato de usar intencionalmente a grafia não padrão das palavras para evidenciar os supostos “erros” do linguajar sertanejo.

Outro elemento recorrente na poesia popular é o processo de hibridização, como na própria cultura popular e em outras culturas, pois não há manifestações culturais que possam ser consideradas “puras”, homogêneas, uma vez que convivem e se influenciam mutuamente. Como afirma Ayala, a literatura popular, como outras práticas culturais populares se nutrem da mescla, e esse processo de hibridização talvez seja um dos componentes mais duradouros e mais característicos. O sério se mesclando com o cômico; o sagrado, com o profano; o oral, com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outra (AYALA, 1997, p. 168).

Um exemplo do fenômeno de hibridização, encontra-se no poema “A muié qui mais amei”, de Patativa do Assaré, quando o poeta escreve nos moldes da língua oral, utilizando o vocabulário do sertanejo.

E por sorte ou por capricho,
Eu tinha prata, oro e cobre.
Dinhêro in mim era lixo
In casa de gente pobre.

Nóis nunca perdia os ato
De cinema e de triato
De drama e mais diversão,
Não fartava coisa alguma,
As nota eu tinha de ruma
Pra nós andá de avião.

E quando nós se trajava
E saía a passia
O povo todo arredava
Mode vê nós dois passá
Cada quá mais prazentêro
Deste nosso mundo intêro
Nóis dois era os mais feliz,
Vivia nas artas roda
E só trajava nas moda
Dos modelo de Paris. (PATATIVA DO ASSARÉ)

Percebe-se que o poema “A muié qui mais amei” se enquadra no gênero matuto, pelo fato de retratar a realidade e a fala do sertanejo, apresentando um dos seus traços mais marcantes – a comicidade, bem como os seus temas mais recorrentes – o amor e os problemas sociais (a miséria e o abandono na velhice). No texto poético lido, o eu-lírico demonstra conhecimento de outras realidades, gozando dos prazeres de outras culturas. Essa transposição de culturas enriquece ainda mais o poema, confirmando que realmente não há manifestações populares ou não que possam ser consideradas “puras”. Isto é, a poesia ultrapassa as barreiras de cultura, raça e/ou crença, criando um mundo onde tudo é possível.

Poeta e folclorista autodidata, o picuiense Antonio Henriques Neto, ao assegurar a crença de que “tudo que nasce no sertão tem que romper a dureza de um chão castigado antes de frutificar”. Apresenta sua poesia matuta popular, recheada de hibridização, a exemplo do poema “Linguagem Cabocla”:

Vosmicê seu jornalista
Qué fazê uma reportage,
E me pede entrevista
Prá gravá nossa language.
Se deseja me iscutá
Travez vá ignorá
O meu linguajá grosseiro.
Mas mode lhe satisfazê,
Posso intê lhe fornecê
Um resumido roteiro.

Nossa language cabôca
 Pra quem tem inducação,
 Travez seja um bate boca
 De difíce compreensão.
 Mas já que fui isculhido,
 Vou fazê o seu pedido
 Com meu fraco purtuguês.
 Se é o falá da gente,
 Veja Cuma é diferente
 Da língua de vosmicês:
 Aqui um cabra cumedor
 se chama isgulepado,
 um ôio d'água é chorado
 e doido, abestaiado.
 Gente boba é arigó,
 Um armário é caritó
 E grota funda, suvacão.
 Bufete é quebra-queixo,
 Rebolado, remelecho
 E muierego, gavião.

- Prutanto, seu jornalista,
 É essa nossa language.
 Que travez seja má vista
 Pru quem tem boa letrage.
 É uma língua falada,
 Pru quem nasce nas quebradas
 Das cordilheiras do sertão.
 Que sem cultura padece,
 E de quem sabe, merece,
 Uma ismola do perdão. (ANTÔNIO HENRIQUES NETO)

3 METODOLOGIA

Buscou-se neste trabalho aprimorar os conhecimentos acerca das relações de leitura e poesia na educação de jovens e adultos, através de um questionário composto de doze questões abertas, aplicado a nove poetas residentes no município de Picuí-PB, que segundo resultados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE possui 18.222 habitantes, dos quais mais de trinta por cento são analfabetos.

Foram entrevistadas nove pessoas, sendo sete do sexo masculino e duas do sexo feminino, com idade que varia entre 21 e 88 anos. No que diz respeito à profissão, declararam-se: 04 aposentados; 01 agricultor; 01 amparada social; 01 professora; 01 estudante de direito e 01 poeta/cantador. Em termos de escolarização declarou-se 01 de nível superior completo; 01 estudante universitário, 05 que não completaram o ensino fundamental e dois são ex-alunos da Educação de Jovens e Adultos.

No intuito de manter em sigilo a identidade dos entrevistados, na apresentação dos resultados os mesmos serão denominados como poeta A, poeta B, poeta C, poeta D, poeta E, poeta F, poeta G, poeta H e Poeta I.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que “chegam” em sua geração. E não fundadas ou fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. (FREIRE, 2000, p.53)

Buscando conhecer melhor a real situação sócio-econômica e educacional dos poetas populares residentes no Município de Picuí – PB, bem como fazer uma análise da concepção da poesia, mais precisamente poesia popular, na sociedade atual realizou-se um trabalho de investigação onde foram ouvidas nove pessoas que, seja por questão de sobrevivência ou por puro prazer, insistem em manter viva a cultura popular através da arte da poesia. De princípio, a pesquisa buscou investigar aspectos sociais, que envolvem elementos como idade, sexo, profissão e escolaridade, da qual se obteve o seguinte resultado:

- a) Embora a idade dos entrevistados varie entre vinte e um e oitenta e oito anos; apenas quatro destes poetas estão abaixo dos sessenta anos;
- b) Das nove pessoas entrevistadas, apenas duas são do sexo feminino;
- c) Em relação à profissão têm-se quatro aposentados; um agricultor; uma amparada social; uma professora; um estudante de direito e um poeta/cantador.

d) Apenas dois dos entrevistados tiveram acesso ao nível superior (um estudante de direito e uma pedagoga), cinco não conseguiram completar o ensino fundamental. Apenas dois declararam ter freqüentado a Educação de Jovens e Adultos.

Diante deste contexto, percebe-se a falta de escolarização da maioria dos entrevistados, justificada pela falta de oportunidades característica da época em que viveram suas infâncias e juventudes. Quanto ao fato da predominância do masculino no quadro de poetas populares, este trabalho não verificou nenhum aspecto no mundo da poesia popular, que possa inibir a inclusão de pessoas do sexo feminino. Em relação à qualificação profissional, os poetas de Picuí são, em sua maioria, pessoas de baixo poder aquisitivo, que sobrevivem como agricultores ou aposentados, utilizando a poesia como uma satisfação pessoal que alimenta o sonho de, um dia, vir a ser reconhecido pela sociedade. Neste sentido, apenas o poeta F declarou sustentar sua família com rendimentos advindos do ofício de poeta/cantador, o qual poderia ser incentivado a aplicar a Economia Solidária.

Em vista dos resultados obtidos (Figuras 1-12) percebe-se que, embora predomine a homogeneidade na forma como os entrevistados concebem o sentido da poesia, há divergências notáveis, tendo em vista que:

Tanto a cultura de um povo quanto a consciência de um homem não são apenas vagos produtos de uma época da história. Elas representam construções pessoais, interativas e sociais de símbolos e de significados. São construções culturais de modos de ser, de viver e de pensar, edificadas entre os erros e os acertos determinados pelos limites de uma sociedade. (BRANDÃO, 2008)

Figura 1 - De que forma a poesia entrou em sua vida?

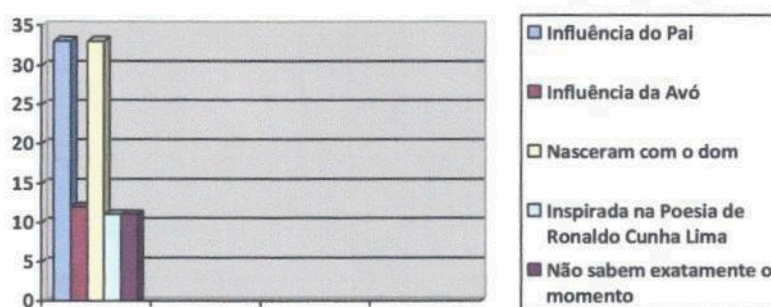


Figura 2 - O que significa a poesia para o Senhor (a)?

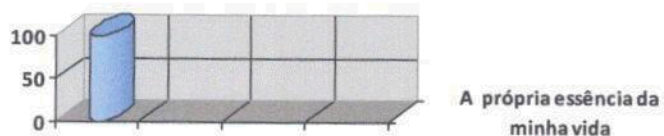


Figura 3 - Quais os meios utilizados para divulgação do seu trabalho?

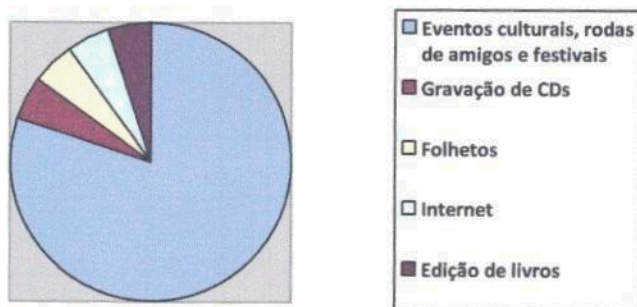


Figura 4 - Acredita que poesia pode contribuir para a construção de uma sociedade melhor?

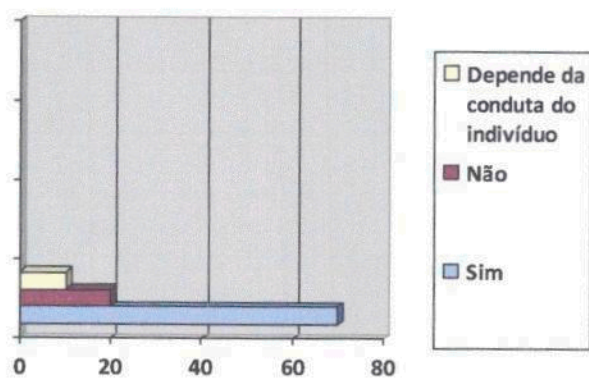


Figura 5 - Quais os saberes necessários ao poeta para que ele possa desenvolver bem o seu trabalho?

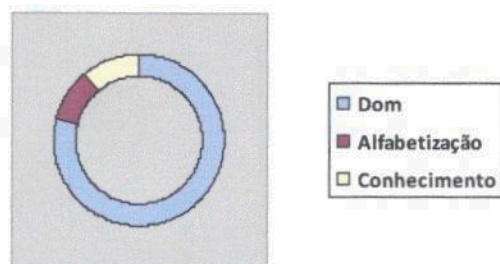


Figura 6 - Acredita que a formação escolar possa contribuir para o engrandecimento da cultura popular?

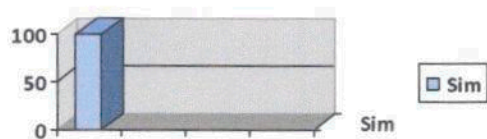


Figura 7 - De que forma a educação pode ser útil na vida do poeta popular?

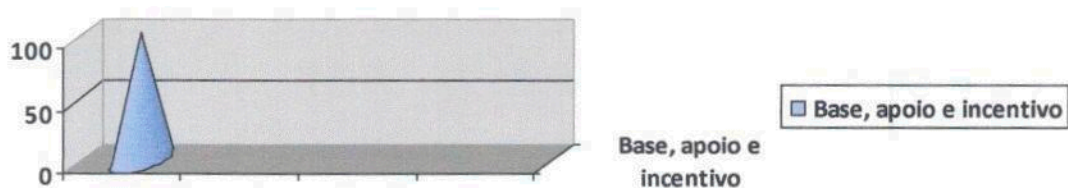


Figura 8 - Faz parte de algum grupo, movimento ou associação de poetas? Qual?

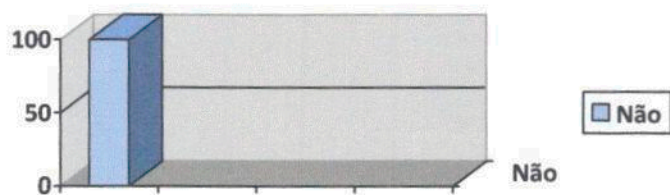


Figura 9 - Em algum momento chegou a negociar sua arte? De que forma?

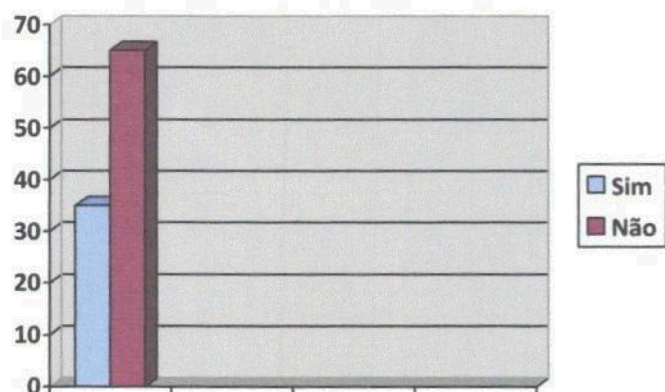


Figura 10 - Gostaria de ver o seu trabalho reconhecido pelo público?

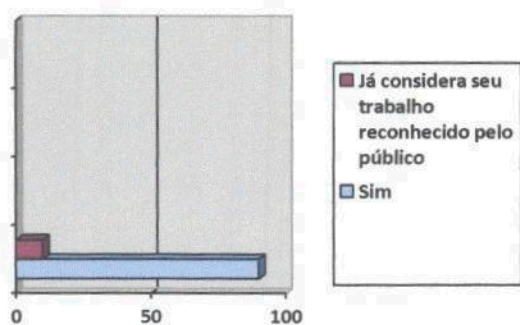


Figura 11 - Já ouviu falar em Economia Solidária?

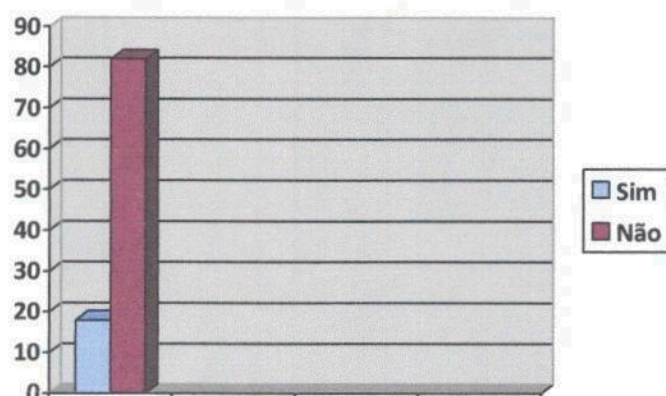
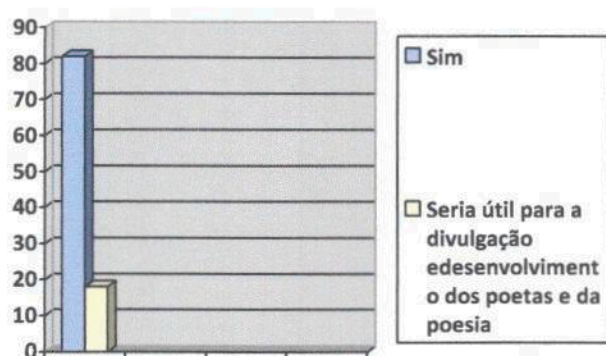


Figura 12 - De que forma a Economia Solidária poderá colaborar com seu trabalho?



UFCG/BIBLIOTECA

As idéias de que “a pessoa não aprende poesia com ninguém” ou de que “o poeta popular já nasce poeta, mesmo sem saber ler”, felizmente, não se configura como pensamento predominante. Mesmo que boa parte das pessoas ouvidas possua baixo nível de escolarização, foi enfática ao assegurar que a formação escolar é essencial para o desenvolvimento da poesia popular, a exemplo do Poeta E: “a educação é de fundamental importância para a vida do poeta. Pois para escrever bem ele precisa ter conhecimento acerca da linguagem não apenas oral, mas escrita”. Quanto à questão que versa sobre a possibilidade de a poesia contribuir para a formação de uma sociedade melhor, destaca-se a resposta poeta B, o mais jovem dos entrevistados: “Não tenho dúvidas quanto a isso, a poesia lhe sensibiliza para as coisas mais puras e belas da vida, e se a sociedade lê-se um pouco mais, talvez pensasse antes de sair votando em qualquer um ou atitudes do tipo”.

Figura 11 - Já ouviu falar em Economia Solidária?

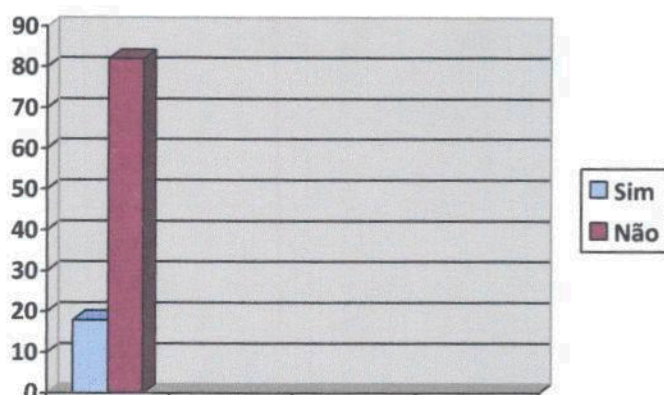
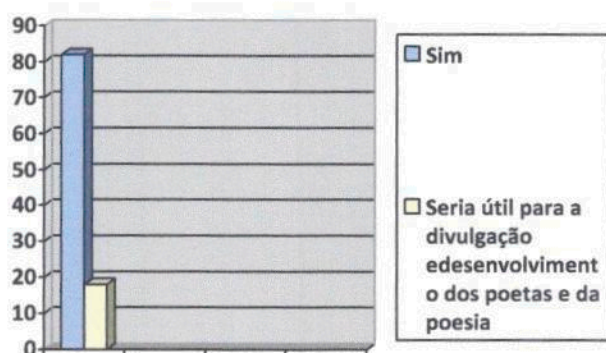


Figura 12 - De que forma a Economia Solidária poderá colaborar com seu trabalho?



As idéias de que “a pessoa não aprende poesia com ninguém” ou de que “o poeta popular já nasce poeta, mesmo sem saber ler”, felizmente, não se configura como pensamento predominante. Mesmo que boa parte das pessoas ouvidas possua baixo nível de escolarização, foi enfática ao assegurar que a formação escolar é essencial para o desenvolvimento da poesia popular, a exemplo do Poeta E: “a educação é de fundamental importância para a vida do poeta. Pois para escrever bem ele precisa ter conhecimento acerca da linguagem não apenas oral, mas escrita”. Quanto à questão que versa sobre a possibilidade de a poesia contribuir para a formação de uma sociedade melhor, destaca-se a resposta poeta B, o mais jovem dos entrevistados: “Não tenho dúvidas quanto a isso, a poesia lhe sensibiliza para as coisas mais puras e belas da vida, e se a sociedade lê-se um pouco mais, talvez pensasse antes de sair votando em qualquer um ou atitudes do tipo”.

Necessário se faz evidenciar que, apesar de o cordel já ter sido reconhecido como poesia e ter se tornado objeto de estudo em muitas universidades, ainda é marginalizado por ser visto por muitos como uma literatura de pobre e de analfabeto. Neste sentido, o presente trabalho sinaliza o prenúncio de mudanças ao considerar o grau de instrução de dois dos entrevistados acima referidos. Contudo não há como negar a desvalorização e a falta de oportunidades expressas unanimemente nas respostas.

Sobre a questão da poesia, ficou claro o que ela representa para cada um dos entrevistados: beleza, harmonia, natureza, ou a essência da própria vida.

Mas o que vou dizer da poesia? O que vou dizer destas nuvens, deste céu? Olhar, olhar, olhá-las, olhá-lo e nada mais. Compreenderás que um poeta não pode dizer nada da poesia. Isso fica para os críticos e professores. Mas nem tu, nem eu, nem poeta algum sabemos o que é poesia. (GARCIA LORCA).

Percebe-se, também, a preocupação com os aspectos formais do poema (versos, ritmo, estrofes, rimas). Embora esteja comprovado que todos esses aspectos estruturais não devem ser encarados como um fim em si mesmo, ou seja, metrificar ou identificar as rimas não são a razão precípua da análise do texto poético. Na verdade, são componentes da estrutura artística e, da mesma forma que podem dizer muito sobre o texto, também podem ser pouco relevantes do ponto de vista do conteúdo. Neste sentido evidencia-se o fato de que, muitos dos humildes entrevistados utilizam sua poesia na composição de versos em homenagem (por vezes póstumas), a figuras ilustres da sociedade, tais como políticos, comerciantes, religiosos, etc.

Dessa forma, o poeta popular, inconscientemente, alimenta o sonho de pertencer a uma classe julgada superior a sua: uma classe “dominante” que não valoriza a poesia, que não dispõe de sensibilidade, tampouco de conhecimentos suficientes para fazer distinção entre o sentimento poético e a arte de fazer versos. Uma sociedade dita “moderna” que desagrega valores; que julga o comportamento humano pelos bens materiais que possui; que abre portas para uns em detrimento de outros; que rotula, exclui e silencia aos que rompem barreiras tais como falta de escolarização, de infraestrutura e de suporte financeiro, na tentativa de manter viva a cultura popular através dos dons que possuem. Eis o que diz o poema Maratimba:

Maratimba, tu te calas. Ninguém aqui vai te ouvir.
 Tua história, Maratimba, aos nossos não interessa.
 Teu mundo não nos pertence. Maratimba, por que pressa?
 Correrás a vida toda, jamais chegarás aqui.

Maratimba, mal sabemos do ninho onde tu nasceste,
 Que sobrenome carregas, tampouco do sangue a cor.
 Quem são teus pais, Maratimba? Tu não surgiste da flor!
 Tua origem condenou-te a todo mal que viveste.

Maratimba, não adianta o que nos livros aprendestes.
 Escola não apaga marcas que se impregnam na alma.
 Impossível vir pra cá. Maratimba tenha calma
 Teu feito não nos convence. Esta batalha perdestes.

Teu perfil politizado, Maratimba não agrada.
 Teu currículo de operária com todas tuas conquistas
 Não nos serve Maratimba. És alheia à nobre lista
 Dos que nasceram pra ser parte desta caminhada.

Maratimba, Maratimba! Serás sempre Maratimba.
 Possuis rótulo inviolável de maratimba, somente.
 O mundo que te ensinou não te fez da minha gente.
 Já sabes bem o que sinto: Sinto muito, Maratimba! (Gorete Lira)

Constatou-se in loco, que a maioria dos poetas de Picuí escrevem seus versos à mão, em cadernos ou folha de ofício que ficam soltas e, muitas delas acabam se perdendo. Vale salientar que esta não se trata de regra geral. Alguns dos poetas possuem seus trabalhos catalogados através de apoio da família, havendo até alguns poucos que asseguram dispor de um livro pronto, esperando apenas alguém que se interesse pela edição e divulgação do mesmo. Quanto à produção de livretos de cordel, trata-se de uma prática tanto quanto discreta neste universo. Os poetas C e D declararam possuir publicação desse tipo de literatura, no entanto percebe-se em seus discursos, certo sentimento de desmotivação, dada a falta de apoio por parte da sociedade em geral. Neste sentido, o poeta A confessou ter ganhado algum dinheiro com a venda de três livros de poesia que conseguiu editar com ajuda de um parente que reside em João Pessoa-PB. Lembrando que, caracterizada pela diversidade inerente a toda sociedade, encontra-se entre os entrevistados, os poetas F e G que divulgam seus trabalhos através de canções: o poeta F se aventura pelos programas de rádio, cantorias de viola e venda de CDs, enquanto o poeta G atua como vocalista de uma banda de forró, a qual oportuniza a divulgação de suas composições, contudo, apenas o poeta F, tem conseguido, até agora, condições suficientes para sobreviver de sua arte.

Diante do cenário apresentado, necessário se faz uma intervenção por parte de algum órgão não governamental, no sentido de sensibilizar esse grupo de pessoas que se encontra disperso, cuja arte, anseios e dificuldades se assemelham. Nesta perspectiva, retoma-se o texto de Melo Neto (2006), segundo o qual a filosofia do trabalho, nos marcos da economia solidária popular, possibilitará o exercício do trabalho intelectual e manual problematizando, sistematizando e avaliando as experiências em empreendimentos voltados à valorização humana; na qual pelo exercício da problematização, os envolvidos em ações organizativas de projetos solidários populares passam a lidar com a subjetividade dos participantes por meio dos questionamentos de suas situações vividas e que, pela sistematização, estarão encontrando as causas e relações entre as situações presentes e o contexto maior, temporal e espacial, com o possível encontro de respostas aos seus porquês.

A maior parte dos entrevistados nunca ouviu falar em Economia Solidária, tampouco faz parte de alguma associação de classe. No entanto alimentam um sonho comum de vêem seus trabalhos reconhecidos. Inclusive, alguns externaram o desejo de ser desenvolvido um projeto de incentivo aos poetas por parte dos órgãos governamentais, denominado “Casa do Poeta”: local de apoio para os amantes da poesia, que poderia servir, além de abrigo para os advindos da Zona Rural ou de outras cidades, como espaço para interação onde pudesse acontecer cantorias e outros eventos de divulgação da cultura popular.

Dessa forma, sob a crença dos entrevistados, romper-se-ia a barreira do anonimato, haja vista o poder de persuasão que as classes menos favorecidas atribuem aos que estão sob o comando da máquina pública. Em outras palavras, os poetas de Picuí acreditam que se o poder público resolver investir na divulgação de seus trabalhos, a sociedade que até então os discrimina e rejeita, passará a olhá-los com outros olhos. Sobre esse ponto de vista, necessário se faz uma análise sobre os benefícios que projetos como esse poderiam trazer a poesia.

O projeto, fruto das idéias de pessoas colocadas à margem da sociedade, que sonham, acima de tudo vêem seus trabalhos reconhecidos, poderá ser aproveitado como base estrutural para o surgimento de um pensamento coletivo, onde o humano passará a exercitar-se no papel de sujeito de sua própria história, ao invés de mera engrenagem do sistema. Um projeto, cujo objetivo seja gerar autonomia, igualdade e democracia. Um recomeçar a vida, independente da idade cronológica que se tem, utilizando uma metodologia motivadora às pessoas e ao grupo para que, juntos, possam chegar ao sucesso de suas iniciativas por meio de dinâmicas apropriadas.

[...] Eu meio sem graça falo
Que o mundo da poesia
Enxerga bem mais além.
Pois a alma do poeta
Vive a buscar frases certas
Pra falar do querer bem. (Gorete Lira)

Constituindo-se como sujeito de sua própria história, livre estará o poeta para cantar seus amores, suas dores, suas flores ou seus horrores, contanto que possua conhecimento acerca do tema que se submeteu abordar. Neste sentido, Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) vem dizer que “A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca (...)” Em outras palavras, o conhecimento pode ser visto como uma fonte inesgotável que nunca chegará a nos saciar.

5 CONCLUSÕES

Diante do exposto, conclui-se que, em relação à Educação de Jovens e Adultos, muito precisa ainda ser feito para que seja colocada em prática o que diz o art. 208 da Constituição Federal de 1988. A “Educação como direito de todos”, ainda permanece em plano utópico, apesar dos envolvidos no sistema de educação, apresentar seus discursos embasados em teorias que esbarram nas dificuldades inerentes a essa modalidade de ensino. Apesar de ser considerado um país privilegiado por ser berço do inenarrável Professor Paulo Freire que concebe a Educação através de uma prática progressista, renovadora e democrática, ainda estamos muito presos a um sistema educacional cujos problemas estão profundamente enraizados nas condições globais da sociedade.

No que diz respeito à Economia Solidária, embora seja um novo modelo de economia que vêm se apresentando, em todo mundo, em condições de assegurar sobrevivência e qualidade de vida à grande parte da população trabalhadora, às margens da riqueza social, ainda se constitui como utopia aos olhos dos que conduzem o “destino” dos habitantes do município de Picuí-PB, local onde se desenvolveu este trabalho. Apontar o desenvolvimento humano através de uma dinâmica emancipadora e democrática requer ainda alguns anos de

dedicação e trabalho em busca de conquistar a confiança de um povo que, há mais de um século, mesmo que de forma inconsciente, reconstrói diariamente a barreira que se ergue entre os que podem tudo e os que não podem nada.

Comprovou-se que, em meio a um cenário de desvalorização, preconceito, descaso e falta de incentivo, alguns poetas sobrevivem. Tomando-se por base a idade da maior parte deles, poder-se-ia alimentar a crença de que a poesia popular, em breve silenciará em nossa cidade. Contudo, apesar da aparente aridez do terreno, eis que surgem novos rebentos: dois jovens letrados, conscientes de seu papel na sociedade, que não se envergonham de manter viva a poesia popular, reconhecidamente necessária ao desenvolvimento intelectual e humano de uma sociedade que definha pela desvalorização de seus bens culturais.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou Asas**. Rio de Janeiro. Edições Asas, 2004.

ANDRADE, Carlos Drumond. Disponível em http://pensador.uol.com.br/vocacao_e_politica/6/ acesso em 31/08/2013.

ARRUDA, Marcos, **Estratégias de Formação no Campo da Economia dos Setores Populares** In: SEMINÁRIO ECONOMIA DOS SETORES POPULARES: Sustentabilidade e Estratégias de formação. Universidade Católica do Salvador e Capina, 2006.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um cantador nordestino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

AYALA, Maria Ignez Novais. **Riqueza de pobre**. In: Literatura e Sociedade. Revista de teoria literária e literatura comparada, n. 2. São Paulo, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **Formação de Educadores de Jovens e Adultos (EJA): Desafios e perspectivas**. In: _____. Formação de educadores de jovens e adultos / organizado por Maria Margarida Machado. — Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008, P.17

BRASIL; MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394** de 20/12/96.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTT, Moacir. **Paulo Freire e a Educação Popular**. Revista Trimestral de Debate da Fase. Disponível em <http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_gadotti.pdf>. Acesso em 31/08/2013.

HENRIQUES NETO, Antônio. **Voz de um homem rude**. Disponível em <<http://www.clickpicui.com.br/2011/01/poeta-picuiense-recupera-cultura-matuta.htm>> Acesso em 28/08/2013.

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Professor Marciano Dantas blogs pot.12/12/Paraiba.html. 2010. Acesso em 13/0/2013.

LORCA, Frederico Garcia. Disponível em <<http://kdfrases.com/frase/138958>>. Acesso em 31/08/2013.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação Popular em Economia Solidária**. In: XIX Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação, 2006, Caxambu - MG. Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade-desafios e compromissos, 2006.

MOURA, Tania Maria de Melo: **Contribuições de idéias de Paulo Freire e Vygotsky Alfabetização de Jovens e Adultos**. In: Revista Contrapontos - volume 7 - n. 3 - p. 537-548 - Itajaí, 2007.

SINGER, Paul. **A Economia Solidária como ato pedagógico**. In: _____ KRUPPA, Sonia M. Portella. Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Brasília. INEP/MEC, 2005 (P.13-200).

SOARES, Leôncio José. **O contexto em que surgem as diretrizes nacionais para EJA**. In: _____ Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (p.07-23).

TCHIMINO, Marcela. **Os desafios da educação popular frente à diversidade e à exclusão**. In: _____ Educação popular na América Latina: desafios e perspectivas. — Brasília : UNESCO, MEC, CEAAL, 2005.